

personagem

EX-MISS ALINE WEGA CONTA COMO PASSOU DUAS VEZES PELO CÂNCER E TRANSFORMOU A SOLIDARIEDADE EM OBJETIVO DE VIDA

“Sou uma pessoa mil vezes melhor”

O ano era 2004, e a morena de sorriso largo e medidas perfeitas venciu um dos principais concursos de beleza de sua cidade. Aline Wega, aos 21 anos, era a nova miss Campinas (SP). Alguns meses depois, sintomas estranhos começaram a aparecer na jovem que queria abraçar o mundo. “Era uma coceira terrível, que se iniciou nas pernas, mas depois foi subindo pelo corpo. Eu mesma me machucava de tanto me coçar e acabei ficando cheia de feridas”, lembra. Esse problema levou Aline a vários especialistas, mas demorou dois anos e alguns meses até um diagnóstico – linfoma de Hodgkin. “Nunca esqueço quando o médico olhou para mim e falou: ‘Você não está mais amarela, está azul de tão debilitada. O câncer está em estado avançado’.”

Muita coisa se passou pela cabeça da moça, então com 23 anos, que vivia perseguindo fielmente os padrões de beleza. “Lógico que atingiu a autoestima. A primeira pergunta que fiz foi se o meu cabelo iria cair. Pensei nas pessoas me olhando com pena de mim, que meu namorado me trocava por outra”, recorda. O pensamento mudou depois do choque da primeira sessão de quimioterapia. “Foi a única vez em que tive medo de morrer, mas a força veio. Acho que o que determina a vida e a morte não é a doença, é a cabeça. Se eu continuasse daquele jeito, certamente não resistiria por muito tempo. Resolvi lutar pela minha cura.”

O tratamento seria de seis meses, mas, com apenas quatro, as notícias já eram animadoras. Aline já se sentia ótima, sem sintomas e pronta para retomar seus

projetos. Até que, no final das sessões, uma notícia caiu como uma bomba em seu coração. Como a quimioterapia foi muito agressiva, ela teria menos de 1% de chance de engravidar. “Escutar isso doeu mais do que receber a notícia de que eu estava com câncer. O meu sonho sempre foi ser mãe, amava crianças”, relata.

DESAFIANDO AS PROBABILIDADES

A partir daquele instante, Aline adotou uma frase que repete até hoje: “A gente tem 1% de chance e 99% de força”. Passaram-se nove meses, e veio a surpresa. Ela estava grávida do namorado. “Já que falaram que eu não iria engravidar, deixei de tomar anticoncepcional e relaxei. Foi um milagre de Deus. Realmente não estava mais esperando.” Como em um romance de novela, a história poderia terminar aí, e todos seguiriam felizes para sempre. Mas a moça não sabia que seu filho Igor, hoje com 8 anos, seria o guerreiro que a ajudaria a vencer mais uma batalha.

Aline passou a se dedicar intensamente à maternidade e ingressou na faculdade de arquitetura para, mais tarde, exercer a profissão numa empresa da família. Assim se passaram aproximadamente quatro anos e surgiram alguns sinais de cansaço em seu organismo, além de uma amigdalite que não melhorava nem com antibióticos. Sua mãe a levou a um pronto-socorro e informou que a jovem já tinha tido um linfoma. Dessa vez o diagnóstico foi rápido. “O exame de sangue acusou baixa das plaquetas, e dali mesmo fui internada para fazer novos testes. Estava com



“O que determina a vida e a morte não é a doença, é a cabeça. Resolvi lutar pela minha cura”

leucemia”, conta. Aline diz que Igor foi a força extra para que tudo desse certo. “Ele me acompanhou, me deu carinho. Eu enxergava, através dele, que existiam ainda mais motivos para ficar bem”, recorda.

A única solução era um transplante. “Em agosto de 2012, comecei o tratamento com quimioterapia, que durou três meses. Entrei em remissão e aguardei o doador compatível”, lembra. Começou uma corrida contra o tempo. Com amigos, Aline fez uma campanha nacional que envolveu anúncios em outdoors e entrevistas em programas de TV. Exatamente um ano após a descoberta da doença, em agosto de 2013, ela passou pelo transplante de medula óssea. “Esperei oito meses até encontrar o doador compatível. Depois do transplante, ainda fiquei cinco meses internada”, detalha. Aline confessa que esses cinco meses não foram fáceis. “Eu tive GVHD [doença do enxerto contra o hospedeiro, uma reação do organismo à nova medula] na pele, mucosa, intestino e musculatura. Até hoje me trato”, revela.

Mas a lembrança desses dias complicados não é maior do que o agradecimento pela pessoa que lhe ofereceu uma nova chance de viver. “Não sei quem ele é. Esse doador não me conhecia, e com apenas um gesto salvou a minha vida. No dia do transplante, me ajoelhei no quarto e agradeci a Deus. Muita gente fica curada e quer esquecer tudo, nem quer falar mais na doença. Eu decidi que, mesmo curada, a minha luta seria até o fim. Participaria de campanhas e ajudaria, no que fosse necessário, pessoas que estivessem naquela situação. O doador plantou essa semente em mim”, diz.

Apesar das limitações, a ex-miss, hoje com 33 anos, não se cansa de afirmar que o câncer veio como cura, e não como doença. “Hoje sou uma pessoa mil vezes melhor, mais humana e mais feliz”, afirma. Além de trabalhar como arquiteta, Aline é muito ativa em campanhas de doação de medula óssea e é voluntária em palestras motivacionais em empresas e hospitais. “Eu começo falando que não vou desfilar, até porque não sou mais bonita como antes. No final, apresento meu filho e digo que ele é meu assistente. O Igor me entrega uma faixa em que está escrito ‘Viva a vida’, e nós desfilamos juntos. Procuro levar alegria, bom humor.” ■